

■ Pataxós começam a reconstruir hoje obra que PM baiana destruiu terça-feira

Hélvio Romero - 1/2/2000

JAILTON DE CARVALHO

BRASÍLIA - O vice-presidente do Conselho Missionário Indigenista (Cimi), Saulo Feitosa, anunciou ontem que, a partir das 7h de hoje, os pataxós da aldeia de Coroa Vermelha começarão a reconstruir o monumento aos 500 anos de resistência indígena, destruído pela Polícia Militar na terça-feira. "Está resolvida a reconstrução do monumento no mesmo local. A terra está dentro da área dos pataxós", afirmou Feitosa. O vice-presidente do Cimi acompanhará na aldeia os desdobramentos da questão, discutida até no Vaticano.

Segundo Feitosa, o monumento, com 20 metros de comprimento e 16 de largura, foi destruído pela PM baiana por ordem de auxiliares do ministro do Esporte e Turismo, Rafael Greca, coordenador da festa de comemoração dos 500 anos do Descobrimento. Os assessores de Greca, disse o vice-presidente do Cimi, "acharam o monumento fúnebre" e pediram que a obra fosse erguida em outro local.

Para a equipe do ministro Greca, conforme relato de Feitosa, o monumento dos índios, construído em vermelho e preto, seria incompatível com a missa a ser celebrada em Coroa Vermelha, no dia 26, como parte da festa dos 500 anos.

Invasão - Na terça-feira passada, 200 PMs invadiram a aldeia por volta de 22h e derrubaram o monumento, com ajuda de uma máquina de terraplenagem, contou Feitosa. Ele disse que alguns índios ficaram "muito assustados", mas a maioria dos pataxós decidiu reconstruir o monumento.

O presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Carlos Marés, informou que foi feito um acordo com o governo baiano e a PM já se retirou da aldeia. "É uma área indígena e, portanto, eles têm o direito de construir livremente o monumento deles", disse Marés. Ele lembrou que Coroa Vermelha é terra indígena e a PM não poderia ter invadido a área. Pela Constituição, só a Polícia Federal pode entrar em território dos índios.

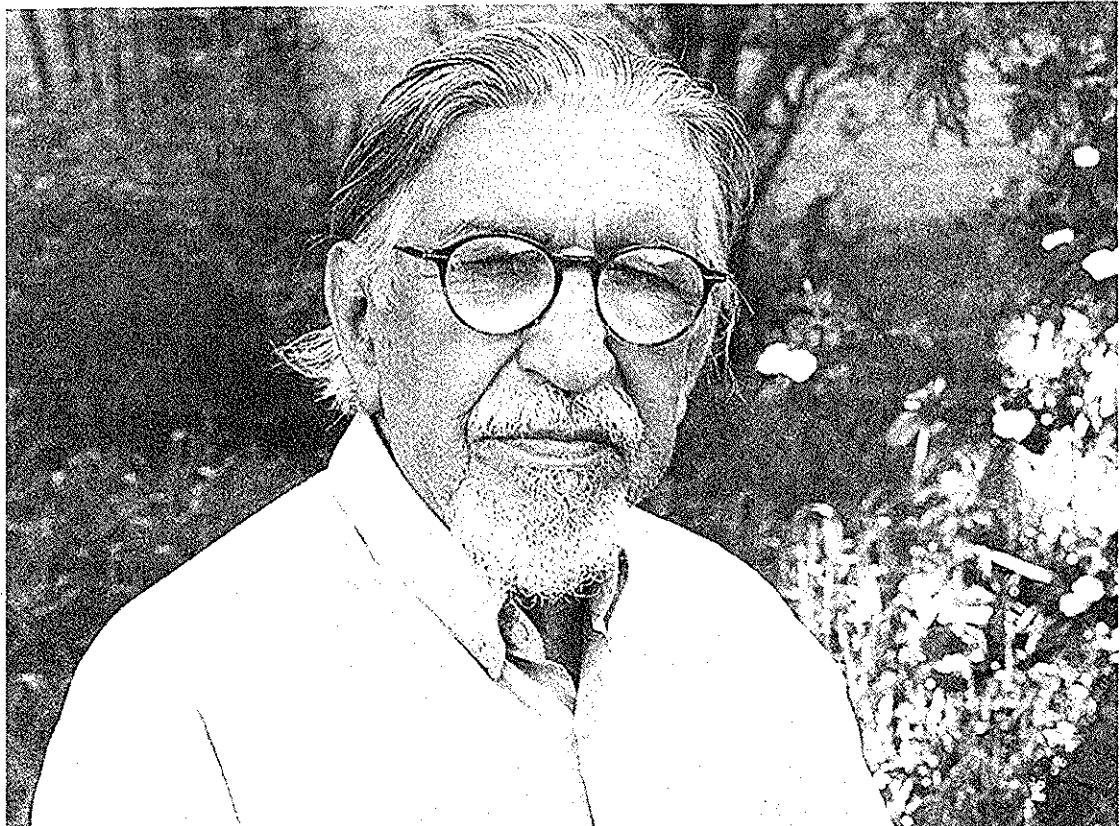
Missa - O secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Raymundo Damasceno, disse que já houve entendimento entre os pataxós, o governo e a Igreja para que a missa do dia 26 não seja celebrada na aldeia, como chegou a ser cogitado durante a semana. O acordo, segundo o Cimi, só foi possível porque os índios aceitaram recuar em dois metros o local inicial em que o monumento estava sendo construído.

Procurado pelo **JORNAL DO BRASIL**, por intermédio de sua assessoria de imprensa, o ministro Rafael Greca não retornou a ligação. Segundo assessores, Greca não se manifestará sobre o assunto porque a questão é exclusiva dos pataxós com as autoridades locais.

Mapa - O monumento dos pataxós tem a forma do mapa da América. Na parte do território do Brasil, três índios - um homem, uma mulher e uma criança - simbolizam a resistência a 500 anos de massacre e o futuro das comunidades indígenas do país.

"É um monumento em vermelho e preto, mas não tem nada de fúnebre", disse Saulo Feitosa. O preto significa luto pela morte dos antepassados e o vermelho, a luta pela sobrevivência, explicou o presidente do Cimi.

No início da tarde de ontem, o procurador da República em Ilhéus, Márcio Torres, ingressou na Justiça com pedido de habeas corpus preventivo, para que os pataxós tenham total liberdade de movimentação na região até o fim dos festejos do Descobrimento.



O indigenista Villas-Bôas, criador da Funai, acha que ACM deveria intervir a favor dos pataxós

Villas-Bôas condena PM baiana

ARLETE MENDES

SÃO PAULO - O indigenista Orlando Villas-Bôas mostrou-se indignado com a atitude da Polícia Militar baiana que na quarta-feira destruiu o monumento erguido pelos índios pataxós em Coroa Vermelha, Santa Cruz de Cabrália, litoral sul da Bahia, e que lembrava o massacre e extinção de seu povo nos últimos 500 anos.

Idealizador da Fundação Nacional do Índio (Funai), Villas-Bôas não entende o motivo dessa atitude. Cobra posições do povo baiano, da Funai e até apela para os brios do senador baiano e presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães, que, segundo ele,

não deveria permitir essas ações em seu Estado.

O sertanista critica o povo baiano por falta de solidariedade com os indígenas. "Primeiro, todos os baianos deveriam ter ajudado os índios a construir o monumento e, mais ainda, ter se levantado e protestado junto, principalmente depois dessa violência", declarou Villas-Bôas.

Ele lembrou que a iniciativa de construção do monumento pelos índios tem por base o fato de eles serem um povo cujo futuro foi frustrado. "Certamente, os índios jamais conjecturaram sobre a possibilidade de viver a realidade marcada pela redução de sua população dos 5 milhões de habitantes, quando chegaram os coloni-

zadores, para os 300 mil atuais", avaliou.

"É muito difícil conviver sem ter o direito à demarcação de terra respeitado e com o infortúnio da morte de sua gente, quase um milhão por século", afirmou, informado pela permissão dada pelas autoridades baianas para que a PM agisse com violência contra os pataxós e os impedisse de protestar.

Villas-Bôas disse também que aguarda a posição da Funai em relação ao que ele caracterizou como agressão. "Espero uma reação da entidade que ajudei a construir. Até agora, a Funai não disse uma palavra e é a tutora dos índios. Por isso, não deveria aceitar as atitudes violentas contra a cultura e a criatura", defendeu.

INSTITUTO	
	Documentação
Fonte	JTB
Data	8/4/2000 Pg. 6
Class	